

**Bicicletas, roupas, computadores, material escolar e até sementes de árvores de sombra são alguns dos artigos que os participantes planejam levar na bagagem.**



rio recente foi “um Fiat 500 anti-go”, escolhido depois de uma viagem da família a Itália.

A maior reacção surgiu quando anunciaram o destino da próxima aventura: “Ela disse logo: ‘Mas vocês vão para Marrocos fazer o quê?’”, conta Gonçalo, antes de revelar que a inevitável questão seguinte foi: “Mais um carro!?”.

O carro em questão trata-se de um Peugeot 205 – baptizado de ‘Le Nomad’ – que os levará na travessia pelo deserto. “É um modelo muito usado nestas aventuras. É um carro simples, fácil de reparar e muito leve. Além disso, há muitas peças disponíveis, o que é uma grande vantagem”, pondera o jovem, sublinhando as mais-valias de unir esforços com o pai para adaptar o carro às exigências do terreno.

“Esta parte da preparação do carro é muito importante, para conhecer o que temos nas mãos. Não é comprar um carro, mandar alguém preparar e, depois, pegar nele e partir”, reitera.

A pouco mais de 2 meses do grande desafio, pai e filho aguardam a chegada de algumas peças “para começar a montar tudo (parte eléctrica, pneus, suspensão)”, descreve Gonçalo.

A medida que a data de partida se aproxima, o entusiasmo acaba por contagiar todos. “Eu penso que este ano vamos os dois e, para o ano, vamos os quatro”, afirma Nélson, esperançoso.

#### **Mais do que uma corrida: levar sementes de um futuro**

O UniRaid não é apenas uma aventura automóvel; é sobretudo uma missão solidária que Gonçalo e Nélson Rodrigues querem transformar numa oportunidade de envolver a comunidade madeirense.

“Vou ser sincero, quando estava no secundário, não pensava na parte solidária. Acho que só depois de começarmos o projecto é que comecei a ganhar consciência (...). Como somos os únicos participantes da Madeira, queria fazer alguma coisa diferente”, assume Gonçalo.

Entre o material que pretendem levar incluem-se bicicletas, roupas (para crianças dos 5 aos 14 anos), computadores, material escolar e até sementes de árvores de sombra. A lista foi sendo construída à medida que a dupla procurou perceber quais as necessidades mais urgentes das aldeias marroquinas.

“Temos de levar pelo menos 40 quilos de material solidário, que será depois distribuído pelas aldeias do deserto de Marrocos. Por isso, fomos tentar saber o que é que mais precisam. Uma coisa que eles nos pedem – e que eu achei curioso – são sementes de árvores. Tem a ver com a deslocação das crianças para a escola. Faz muito calor, então eles pedem sementes de árvores que deem sombra”, explica o jovem, que já tentou contactar entidades ligadas à área ambiental para ajudar na recolha.

Gonçalo nota que há igualmente procura de material informático: “Eles também pedem material de escritório, como computadores, e já tentei contactar alguns departamentos nessa área para ver se consigo recolher material que já não esteja a ser utilizado ou que vai ser renovado, mas que ainda está funcional”.

Alguns apoios começaram, entretanto, a surgir: “Já fizemos alguns contactos. Por exemplo, temos um rapaz que está a montar uma bicicleta para podermos levar. Se conseguíssemos mais do que uma, era excelente. Livros (em francês ou inglês) e material escolar também são sempre bem-vindos”, realça Gonçalo.

Quem quiser contribuir pode fazê-lo facilmente através das redes sociais. “As pessoas que queiram ajudar podem enviar mensagens directas através da nossa página do Instagram [@le\_nomad\_205], que estou a usar para mostrar todo o processo”, complementa.

A dupla deseja ainda poder contar com o contributo de empresas e marcas da Região. “A ideia era que as pessoas de cá pudessem participar como patrocinadores, com as coisas deles, por exemplo as marcas regionais”, aclara Gonçalo.

Como em tantas outras coisas, o ‘desporto rei’ ganha aqui protagonismo.

*Queremos inspirar aquelas crianças, mostrando que um carro maltratado pode tornar-se num projecto bonito*



“Queria que as pessoas soubessem de antemão que isto vai acontecer e que haja aqui um sentimento que se crie em volta desta iniciativa e, quem sabe, possam até contribuir. O nosso intuito era fazer uma intervenção artística no carro, de modo a levar as pessoas a interessarem-se pelo projeto. Não queremos tapar o carro – os arranhões e a pintura queimada, que fazem parte da sua história – mas fazer mais uma marca com este intuito solidário”, elucida Gonçalo.

Para o jovem, a intervenção deve ser feita por quem se identifique com o projecto: “Achamos que não faz sentido sermos nós a fazê-lo, mas antes alguém que tome conhecimento do projecto e se inspire para fazer essa intervenção. Já contactámos alguns artistas”, refere.

A motivação pessoal de Gonçalo também se cruza com esta visão comunitária. “Eu faço agora BTT, mas lembro-me que, quando era mais pequeno e via aqueles miúdos a chegar com as bicicletas cheias de terra, achava aquilo inspirador e gostava de poder fazer o mesmo. Gostava que aquelas crianças se inspirassem a fazer coisas por eles, ao ver que um carro tão maltratado pode tornar-se num projecto bonito”, vinca.

De momento, já estão a colaborar com um dos responsáveis da Escola Normal (um colectivo artístico internacional sediado no Porto e no Funchal, que promove colaboração artística e o intercâmbio cultural por forças de voluntariado) e com a artista italiana radicada na Madeira, mais conhecida por ‘Bri’. “Acho que levar aquilo que é nosso – o que nós fazemos, seja a nível individual ou colectivo – além-fronteiras já é uma grande iniciativa. E poder fazer isso por um bem maior, é uma coisa muito bonita de se fazer”, acentua.

A dupla madeirense considera que, em condições ideais, esta intervenção artística deveria ainda acontecer num espaço público, para que a comunidade possa acompanhar e participar. Como ilustra Gonçalo: “Gostávamos que a pintura do carro acontecesse num espaço público, de forma que as pessoas entendam a ideia, possam estar a vê-la acontecer e, se quiserem, deixar lá o seu material solidário”.

O ‘Le Nomad’ deve estar pronto até meados de Janeiro para seguir até Marrocos, garantindo margem de erro suficiente para eventuais ajustes.

Antes de chegarem à linha de partida, pai e filho enfrentam ainda um desafio adicional: percorrer 435 quilómetros para levar o carro até ao continente. A partir daí, seguirão para Algeciras, em Espanha, de onde o veículo será transportado de ferry até Tânger.

Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa, diria que “grandes são os desertos”. O exemplo de Gonçalo e Nélson Rodrigues inspira-nos a acreditar que maior é a boa vontade.